ROGER BASTIDE E A PESQUISA DA UNESCO EM SÃO PAULO: introdução a uma crítica

LevyCruz

Resumo

A pesquisa da Unesco sobre relações raciais na capital paulista, na década de 1950, coordenada por Roger Bastide e Florestan Fernandes, não foi, apesar do muito que se escreveu sobre a mesma, objeto de uma crítica metodológica melhor informada. Este artigo procura preencher essa lacuna no caso de Bastide. O uso de amostras intencionais e assistemáticas, privilegiando informações prestadas por famílias tradicionais e por estrangeiros e descendentes; o trabalho de campo baseado principalmente em conversas informais em circunstâncias aleatórias; e a análise dos dados, sem uma organização adequada dos mesmos e sem os testes necessários, levaram a amostras com vieses que põem em cheque a representatividade dos resultados referentes ao universo pesquisado. Tudo isso junto produziu um relatório de pesquisa sem uma base empírica sólida, destituído de maior confiabilidade. A razão para isso - no momento em que uma sociologia pioneira procurava firmar-se como ciência no meio intelectual brasileiro - foi o desprezo, por parte dos pesquisadores, dos métodos e técnicas existentes, já há muito adotados por vários cientistas sociais no mundo inteiro.

Palavras-chave

Roger Bastide. Florestan Fernandes. São Paulo. UNESCO. Método. Amostras. Análise.

BASTIDE AND THE METHOD IN UNESCO'S RESEARCHES IN THE CITY OF SÃO PAULO

Abstract

Unesco's research on racial relations in the city of São Paulo, Brazil, coordinated by sociologists Roger Bastide and Florestan Fernandes, in the 1950's has not been object of a profound methodological critique in spite of

many references to it. This article tries to close this gap in what concerns Bastide. The use of intentional and nonsystematic sampling, stressing the importance of information given by traditional families, foreigners and their descendents; a field work based mostly on informal interviews in random circumstances; and data analyses without an adequate organization of the material or the necessary tests, resulted in biased samples that undermine the representativeness of the results. The confluence of all these factors produced a research report without a solid empirical base, short of validity. The reason for this was the sociologists rejection of methods and available long before **the** research. Those procedures were already in use by many other social scientists all over the planet, in a time when Brazilian Sociology was fighting for recognition.

Keywords

Roger Bastide. Florestan Fernandes. São Paulo. UNESCO. Method. Samples. Analysis.

1 Introdução

Florestan Fernandes afirmou uma vez que “[...] temos uma carência muito grande da crítica dos colegas, de críticas que podem ser produtivas. [...] [S]e alguém critica, está ajudando o companheiro a descobrir os seus limites, a ir além desses limites. [...]” (1987, p. 311). Isso era verdade e, na minha opinião, a carência de que ele falou ocorre ainda hoje. Faço esta afirmação inicial porque este é um trabalho de crítica sociológica. E, dada a época de publicação da obra criticada, faço também um pouco de história da sociologia neste País.

A obra do sociólogo francês Roger Bastide¹ realizada na Universidade de São Paulo, entre 1938 e 1954, é ao mesmo tempo extensa (mais de oitocentos trabalhos) e diversificada (religiões afro-brasileiras, religião em geral, psicanálise, sociologia das doenças mentais, crítica literária, poesia, relações raciais). O valor do trabalho levado a efeito por ele na USP recebe os

¹Alguns se referem a Roger Bastide como antropólogo, ou "essencialmente antropólogo", que é em grande parte verdade. Aqui o tratarei como sociólogo, como ele é mais conhecido.

mais altos elogios no Brasil e na França, embora neste último com menos amplitude. Entre suas obras, *As religiões africanas no Brasil* e *O candomblé na Bahia* são das de maior relevo - para alguns esses são "seus dois grandes livros" (MOITA, 2005, p. 316) -, seguindo-se *Imagens do Nordeste místico em branco e preto* e muitas outras.

O estilo de trabalho de Bastide e de relacionamento com as pessoas, a qualidade de sua obra deram lugar, no Brasil e na França, a um grande elenco de artigos, livros, seminários, reuniões, simpósios e mesmo uma publicação periódica (*Revista Bastidianai*). É um mundo em que alguns são chamados de "bastidiólogos" e fazem referência até a uma "ciência da Bastidiologia" (MOITA, 2005, p. 160).

Há diversas maneiras de verificar o saliente papel desempenhado pelo professor Roger Bastide na sociologia feita no Brasil e na França. Maria Lúcia de Santana Braga distingue três tipos na "sociologia bastidiana": "uma sociologia do encontro entre as civilizações, uma sociologia das doenças mentais e uma sociologia dos fenômenos religiosos" (BRAGA, 2005, p. 74). Outros conhecedores da obra de Roger Bastide podem propor diferentes classificações. Estou convencido, no entanto, que existem - talvez, é verdade, num certo *tour de force* -, duas vertentes intelectuais e profissionais do sociólogo francês que merecem consideração. A primeira seria a do estudo das religiões afro-brasileiras e da religião em geral, dos escritos sobre o Nordeste brasileiro, sobre a psiquiatria nas suas relações com a sociedade, sobre arte, literatura e outros temas e tópicos com os quais trabalhou em sua rica vida intelectual e profissional. Essa produção é objeto de muitos elogios por parte das comunidades científicas, pelo menos do Brasil e da França. A outra vertente - muito menos extensa que a primeira - é a da pesquisa sobre relações raciais levada a efeito na cidade de São Paulo dos anos 1950, sob o patrocínio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Evidentemente, a participação de Roger Bastide nessa pesquisa tem sido, com muita frequência, mencionada - afinal de contas ele foi, juntamente com Florestan Fernandes, seu coordenador - e, mais do que isso, elogiada, embora, na maioria das vezes, um tanto superficialmente. Por outro lado, não é por acaso que algumas apresentações da obra do escritor abordam praticamente todos os temas com os quais ele trabalhou, deixando, no entanto, lá bem no fundo do baú, qualquer referência a sua participação nas pesquisas

da Unesco.' Neste artigo, pretendo fazer exatamente o contrário: resgatar a atuação de Bastide nessas pesquisas indo um pouco mais a fundo na análise de sua participação e dos resultados.

Marcos Chor Maio descreveu muito bem como foram escolhidas as diversas pesquisas da Unesco sobre relações raciais no Brasil e as analisa detalhadamente (MAIO, 1997, 1999). No relatório final da pesquisa na capital paulista - *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo* -, que completou em 2005 cinquenta anos de escrito e publicado, os dois mencionados sociólogos da Universidade de São Paulo responsabilizaram-se por diferentes capítulos. Os textos de Bastide no livro que serão analisados aqui são a 'Introdução' e os capítulos 'Manifestações do preconceito de cor' e 'Efeito do preconceito de cor' (BASTIDE, 1955a, 1955b e 1955c).³

A pesquisa da Unesco na cidade de São Paulo é freqüentemente citada como inovadora e renovadora do que se afirmava, até então, sobre as relações raciais no Brasil." Seus aspectos metodológicos, no entanto, nunca foram analisados mais profundamente. Este é o objetivo deste artigo.

A análise que procurarei fazer não implica em nenhum fetichismo metodológico. Simplesmente é um reconhecimento de que qualquer ciência é feita principalmente com método. (Quem não aceitar o 'principalmente' terá que utilizar pelo menos algo como 'necessariamente'.) Se pretende-se chegar a afirmações generalizadoras ou pelo menos precisamente descritivas

² Essa faceta aparece bem manifesta no recente livro organizado por Roberto Motta - *Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura* (Recife, 2006) -, no qual, num total de 14 textos de 12 autores, a pesquisa sobre relações raciais na capital paulista é mencionada praticamente de passagem, ocupando somente meia página de uma obra de 344 páginas.

³ "Florestan ficou responsável pela parte mais substantiva da pesquisa, realizando um estudo histórico-sociológico da sociedade paulistana. Coube a Bastide a elaboração de um trabalho sociográfico, descrevendo a diversidade de atitudes existentes no 'meio branco' e no 'meio negro' e procurando revelar a enorme complexidade do tema em questão [...]" (MAIO, 1997).

⁴ A participação de Florestan Fernandes em *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo* foi muito grande. Os dois sociólogos da USP co-dividiram as responsabilidades pela pesquisa. Por esse motivo, vez ou outra estarei mencionando-o também, mas é principalmente sobre Roger Bastide, como facilmente se verá pelas citações específicas, as considerações feitas a seguir.

de uma determinada realidade, um mínimo dos cânones metodológicos mais rigorosos tem que ser aplicado para isso. Se não se procede dessa maneira, as conclusões a que se chega podem ser desprovidas de maior significação. É com isso em mente que enfrento aqui a mencionada pesquisa.

2 Universo, amostragem e amostra'

O universo

O universo de Bastide e Fernandes foi a sociedade da cidade de São Paulo. Segundo o Censo de 1950, existiam então 1.929.410 brancos (87,8%), 169.564 pretos (7,7%) e 55.342 pardos (2,5%). As duas últimas categorias somadas constituíam, portanto, apenas 10,2% da população total. Bastide não apresenta esses números. Na verdade, não há, no relatório final, nenhuma caracterização da população estudada, a qual era, para a época e no Brasil, pelo tamanho e pela complexidade, um **respeitável** universo a ser pesquisado. Os autores tampouco trataram a população da cidade como um todo, mas distinguiram diversas sub-populações (adiante mencionadas). Mesmo os dois grandes conjuntos - negros e brancos - foram tratados separadamente.

Amostragem e amostras

A amostragem é o início, e o ponto realmente crítico, dos problemas metodológicos da pesquisa em referência. Ela foi essencialmente assistemática. Fernandes fala de trabalhos desenvolvidos "com negros e mulatos encontrados *fortuitamente*" (1955, p. 208, grifo meu.). Bastide diz que parte do trabalho foi realizada "durante os passeios, as corridas de táxi, as viagens de ônibus (...]" (1955a, p. 12). A amostragem foi, assim, intencional (não probabilística).

Não houve *uma* amostra, mas **diversos** conjuntos (bem diferentes entre si) - 'intelectuais', pretos, brancos, sírios, italianos, classe baixa, mulheres, etc. -, e, tecnicamente falando, os dados que a eles se referem *não podem ser agregados* (nem os autores tentaram isso, diga-se de passagem). A ênfase,

⁵ Os autores não utilizam esses termos técnicos. O leitor da obra tem que tirar suas próprias conclusões quanto ao que era universo e o que **era** amostra.

tudo indica, foi em ter uma 'amostra' de negros. A esse respeito, escreveu Bastide que "ÍP]aralelamente à pesquisa entre os negros, *também uma se fez entre os brancos. naturalmente*" (sic) (1955a, p. 12, grifo meu), o que indica uma natureza residual da amostragem de brancos. "Entre os brancos", *foi dada prioridade às famílias tradicionais e aos imigrantes* - segundo Bastide, os "dois grupos constituintes [sic] da população paulista branca" (1955b, p. 135). "[Floram solicitados [a pessoas] *pertencentes a famílias tradicionais*, relatos de sua própria experiência nas relações com os pretos." (1955a, p. 12, grifo meu.). Esse uso preferencial de "famílias tradicionais", evidentemente, já injetava um sério viés na pesquisa.

Bastide trabalhou "com *diversas personalidades* de cor e brancas" (1955a, p. 12, grifo meu) e se refere ao "questionário que aplicamos *aos negros*" (1955b, p. 146, grifo meu), ao "inquérito que fizemos *entre os brancos*" (1955b, p. 147-148, grifo meu), e ao "inquérito que fizemos *no meio negro*" (1955c, p. 167, grifo meu). Essas citações dão idéia de alguns dos tipos de conjuntos sociais que, separadamente uns dos outros, foram objeto de atenção da pesquisa coordenada por Bastide e Fernandes.

Em resumo, tem-se um universo grande e complexo e amostras não compatíveis nem com seu tamanho nem com sua complexidade; 'amostras' de natureza intencional, não probabilísticas, com seus membros escolhidos muito informalmente, sem nenhum princípio técnico a orientá-las.

3 Os instrumentos"

Segundo Bastide, foram utilizados diversos instrumentos de pesquisa: "questionários especiais", "entrevistas ocasionais" e "formais", biografias e histórias de vida. "Comissões" foram formadas para discutir as questões de cor e racial: de pesquisadores e "representantes negros", de "intelectuais de cor", de mulheres. Bastide diz que foram também utilizados o "método ecológico", "técnicas psicanalíticas", estatísticas e material secundário. Faz ligeira referência a "pesquisas nas gafieiras" e a "visitas a cortiços".

⁶ Alguns instrumentos, por menos importantes e por questão de espaço, foram deixados fora deste registro.

Finalmente, durante todo o trabalho, cada um dos pesquisadores escreveu uma espécie de 'diário' em que consignou tudo o que interessava às relações sociais entre brancos e pretos em S. Paulo, e que lhe fora dado surpreender nos seus encontros *casuais* de rua, nas conversas de família, nos ônibus e bondes, etc. (BASTIDE, 1955a, p. 13, grifo meu).

Em momento algum o autor fornece detalhes desses instrumentos, métodos e técnicas. Por exemplo, quantas entrevistas foram feitas de cada um dos tipos, como elas decorreram, como foram utilizadas as comissões, quantos questionários foram aplicados e o conteúdo deles, se foram pré-testados, quantas foram as biografias e histórias de vida, de que tipo de pessoas elas foram coletadas. Enfim, não há qualquer detalhe ou característica que permita ao leitor avaliar melhor o trabalho executado.

Esses foram os métodos, técnicas e instrumentos utilizados na pesquisa de Bastide e Fernandes. Estão evidentes a assistemática e a informalidade do trabalho de campo executado. Pode-se tranquilamente afirmar que nada foi 'técnico'. Foi tudo muito à moda dos "estudos de comunidade" em voga na época, mas já então sendo assediados com avaliações críticas. Apenas seis anos depois Octavio Ianni escreveria:

É inegável que o estudo de comunidade, conforme foi posto em prática no país, é um modelo de pesquisa que apresenta limitações graves. [...] Como uma das reações ao 'ensaísmo' do período anterior a 1930, esse tipo de investigação parece ter bloqueado as tendências mais criadoras da reflexão científica, em benefício de um rigorismo que muitas vezes fica limitado apenas à *observação e à reconstrução segmentária de fenômenos*. (IANNI, [1961] 1971, p. 80-81, grifo meu).

No entanto, muitos métodos e instrumentos de coleta e análise de dados estavam disponíveis na sociologia quando foram realizadas as pesquisas da Unesco no Brasil, em meados do século XX, para que qualquer sociólogo produzisse da melhor forma possível um estudo sobre relações raciais numa grande cidade brasileira. Métodos e técnicas esses que dariam validade e confiabilidade aos resultados que fossem atingidos. Das décadas de 1920 e

1930 já vinham diversos trabalhos sobre mensuração de atitudes (THURSTÜNE; CHAVE, 1929; THURSTONE, 1931; PINTNER; FORLANO, 1937). Números aleatórios para a seleção (via sorteio) das unidades a serem incluídas na amostra eram utilizados já há bastante tempo - as *Tables of random sampling numbers*, de Kendall e Smith, foram publicadas em 1939. O artigo 'A critical examination of measurement of attitude toward war', de G. J. Dudycha, é de 1943; 'The sample interview survey', de R. Likert, e; 'Some criteria for judging the quality of surveys', de W. E. Deming, datam de 1947; 'A technique for the construction of attitude scales', de A. L. Edwards e F. P. Kilpatrick, saiu em 1948; e 'Unitizing and categorizing problems in coding qualitative data', de H. Guetzkow, foi divulgado em 1950.

No entanto, esses são apenas exemplos pinçados aqui e ali. Relacionar um conjunto representativo do que já existia publicado, naquela época, sobre métodos e técnicas de pesquisa, é tarefa impossível nos limites deste artigo. Consultem-se apenas manuais como os de Jahoda, Deutsch e Cook (1951), Goode e Hatt (1952) e Festinger e Katz (1953), que continham matérias sobre elaboração de projetos de pesquisa, incluindo hipóteses e os testes das mesmas, o plano de amostragem, surveys, métodos de coleta de dados (observação, uso de documentos, entrevistas, questionários), análise de dados (estatística, análise de dados sociométricos, análise de conteúdo, escalas, técnicas projetivas). Essas obras continham ainda amplas bibliografias, *com referências bem anteriores à época da realização das pesquisas da Unesco*. É importante é realçar que, no fim da década de 1940 e começos da de 1950, havia disponível para estudar as relações raciais em São Paulo uma grande quantidade de métodos e técnicas de pesquisa sociológica. Nada disso foi utilizado na pesquisa da Unesco.?

4 Convergindo para a análise

Tudo que é feito nas fases de amostragem e coleta dos dados converge, em qualquer pesquisa, para a análise dos mesmos. Apenas dois anos antes da publicação das pesquisas da Unesco afirmava Dorwin Cartwright: "as

⁷ É pertinente realçar que a crítica feita neste artigo é toda baseada em conhecimentos metodológicos já existentes por ocasião das pesquisas da Unesco, e não criados posteriormente.

maneiras como os dados são coletados imporão limitações severas sobre os tipos de análise que serão fact íveis" (1953, p. 421). As 'amostragens' intencionais feitas por Bastide e Fernandes na pesquisa em referência, assim como as formas como foram coletados os dados, estabeleceram sérias limitações à análise que se seguiria. Com os procedimentos adotados, os autores não poderiam identificar causas ou mesmo estabelecer associações entre variáveis. Não poderiam usar qualquer técnica que dependesse do conhecimento das probabilidades que as pessoas da população tiveram, ou não, de ser incluídas na amostra (informação que os pesquisadores não forneceram). Não poderiam aplicar testes de significância, nem tampouco confirmar a representatividade, a generalizabilidade, a validade ou a precisão dos resultados. *A utilização rigorosa de técnicas estatísticas de análise dos dados que coletaram estava portanto totalmente fora de cogitação.* Tudo porque esses procedimentos requerem amostragem probabilística, o que não foi o caso."

5 A "riqueza" dos dados

É geral o elogio das 'qualidades' dos dados da pesquisa da Unesco em São Paulo. Para Antonio Candido as pesquisas de Bastide (e Fernandes) renderam "um conjunto monumental de dados" (CANDIDO, 1992, p. 26-27). Howard Winant, referindo-se cerca de quarenta anos depois aos estudos da Unesco na capital paulista, falou-nos da "riqueza de dados empíricos *sem precedentes* acerca da dinâmica racial brasileira" (WINANT, 1994, p. 115, grifo meu). France Twine fala do "rico corpo de etnografias publicado nos cinquenta e sessenta [oo.]" (TWINE, 1998, p. 7). Sérgio Alfredo Guimarães afirmou, ainda mais recentemente, que as pesquisas da Unesco produziram "o mais importante acervo de dados e análises sociológicas sobre o negro brasileiro" (GUIMARÃES, 2004, grifo meu). Diversos outros autores fazem esse tipo de 'constatação', sempre maravilhados com a quantidade, mas também com a qualidade, do material coletado. Mas qual a utilização efetiva, ao longo da obra, desse "conjunto monumental de dados", dessa "riqueza de

⁸ Confira 'Assumptions underlying the use of statistical techniques', de Leon Festinger (1953).

⁹ Frase semelhante pode ser lida em *Racial conditions* (WINANT, 2002, p. 133), publicado originalmente em 1994.

dados empíricos sem precedentes" e desse "mais importante acervo de dados e análises"? Quase nenhuma.

Significativamente é o próprio Bastide quem afirma, no texto mesmo do relatório da pesquisa, que "os resultados [do questionário] foram aproveitados *apenas parcialmente*" (1955a, p. 12, grifo meu); e ainda que "[O]s resultados são tão variáveis que não permitem delimitar conceitos" (1955b, p. 140, grifos meu.). De fato, o que foi coletado pelos questionários foi muito pouco utilizado na análise dos dados nas demais etapas da pesquisa. O autor referiu-se a "alguns artigos de jornalistas brancos" e coleção de jornais, mas no relatório final são escassas as referências aos mesmos. Das "técnicas psicanalíticas" tudo está, no livro, em umas pouquíssimas linhas localizadas em duas páginas (BASTIDE, 1955b, p. 127; 1955c, p. 164). Praticamente nada adicionam ou esclarecem. Dizer que a referida pesquisa fez também uso de "técnicas psicanalíticas" é, sem a menor dúvida, exagero. É forçoso, então, concluir que o grosso do material analisado por Bastide (e Florestan Fernandes) vem mesmo das "entrevistas ocasionais" em passeios, bondes e ônibus - de natureza assistemática, subjetiva e totalmente imprecisa, além de difícil manuseio para análise.

Em suma, *houve bem mais coleta de dados (e essa mesma bastante assistemática) do que aproveitamento e utilização dos mesmos*. As menções a tantos procedimentos por parte dos autores e dos críticos dão a impressão ao leitor de uma riqueza metodológica cujos resultados potenciais não aparecem na publicação final.

6 Insegurança quanto ao valor dos dados

O problema não é somente o da magnitude da utilização efetiva do material colhido. Há demonstrações de insegurança, por parte de Bastide, quanto ao valor de alguns dos seus próprios dados. Veja-se o seguinte comentário que faz:

No inquérito que fizemos entre os brancos e que continha a pergunta: 'Aceitaria ter um chefe preto?' apuramos que 60% não viam inconveniente nisso, mas *esses mesmos* fizeram *várias* reservas. Pergunta-se: até que ponto eram sinceros? *O que vale são os fatos e não as opiniões*. (BASTIDE, 1955b, p. 147-148, grifo meu).

Este trecho é altamente dúbio, e igualmente muito significativo, para uma compreensão do método nos textos de Bastide na pesquisa da Unesco. Primeiro, o autor afirma que uma determinada porcentagem (60% de um *total não apresentado ao leitor* - 60% de quantos?) não via inconveniente em ter um chefe preto. Em seguida, diz que "esses mesmos" (*todos os 60%?*) "fizeram várias reservas". Depois questiona a sinceridade dos informantes. E por último afirma que essas opiniões não valem nada, "o que vale são os fatos" (quando, na verdade, a pergunta que utilizou pedia uma opinião!).

7 A análise

Fazer um trabalho com amostras que tivessem representatividade para um universo tão grande como a população da cidade de São Paulo, que levantasse hipóteses a serem cientificamente verificadas sobre tema tão importante como as relações raciais naquela cidade, que permitisse checar as margens de erro e os intervalos de confiança - tudo isso para dar validade e credibilidade ao trabalho - era uma tarefa a que os dois pesquisadores paulistas não estavam acostumados. Maio informa que "...o] sociólogo francês já era um pesquisador reconhecido, com um sólido acúmulo de conhecimento e pesquisa sobre o negro em São Paulo e na Bahia." (MAIO, 1997, 9. 303). Mas a experiência que Bastide tinha era em outros tipos de estudo bem diferentes daquele que se supunha seria feito na capital paulista. Voltarei a esse ponto mais adiante.¹⁰

A "heterogeneidade" dos dados

○ sociólogo francês enfrentou os dados da pesquisa das relações raciais em São Paulo com, aparentemente, uma certa dificuldade para analisá-los, especialmente no que concerne à questão do que ele chama de "heterogeneidade" dos mesmos. A esta altura tenho que fazer uma citação mais ou menos longa, exatamente o início do primeiro capítulo de Bastide em *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*:

¹⁰ Para uma ampla idéia da obra do sociólogo francês, ver alguns dos trabalhos no livro organizado por Roberto Moná, recentemente publicado (2005).

[A] heterogeneidade é tal que já não se sabe como nem onde [discernir as conseqüências nas manifestações externas, evidentes ou larvais, do preconceito de cor], sob seus múltiplos disfarces. Isso explica as respostas contraditórias a que chegou o nosso inquérito entre brancos e negros: uns negam, outros afirmam a existência do preconceito. Se os brancos fossem os únicos a negá-lo, poder-se-ia pensar numa auto-justificação: "o preconceito de cor [...] somente nós, negros, podemos senti-lo." Entretanto, muitos negros, sobretudo das classes baixas, dão respostas exatamente iguais às dos brancos [...]. A situação complica-se quando se analisam as respostas tanto dos que afirmam como dos que negam. [...] O negro que nega o preconceito reconhece a existência de certas barreiras a suas atividades [...]. Por sua vez, os que tentam apresentar exemplos de preconceito em geral dão apenas ilustrações do preconceito de classe, não de cor. É que não há no Brasil, como nos Estados Unidos, uma pressão maciça de um grupo sobre outro; os estereótipos variam conforme os setores da sociedade; as relações atomizam-se numa poeira de relações inter-individuais; as atitudes raciais variam conforme as famílias ou as pessoas. Entretanto, por trás desse caos aparente, é possível descobrir certas leis. (sic). (BASTIDE, 1955b, p. 123).

Há uma incerteza do autor quanto à forma de analisar seus dados. Ele parecia não se sentir à vontade para explicar algumas dessas "heterogeneidades". Entrando na "análise" dos imigrantes ele afirmou:

Em primeiro lugar, o grupo estrangeiro é dos mais heterogêneos. [...] *Mas não devemos fazer o inquérito entre os homens de cor; as suas opiniões são contraditórias*; por exemplo, alguns afirmam que os italianos são os que têm preconceito contra os negros enquanto outros afirmam o contrário: tudo depende com efeito das experiências pessoais. (BASTIDE, 1955b, p. 128, grifo meu).

Em outro momento o sociólogo francês escreve que, "[s]egundo certas testemunhas, (*porém outras o contestam*), existiria uma circular secreta interditando a promoção de pretos nas escolas de preparação para os diversos graus de oficiais das forças de terra, mar e ar." (BASTIDE, 1955b, p. 150, grifo meu). E permanece a indecisão, a incerteza. Seu próprio companheiro de trabalho Florestan Fernandes afirmaria mais tarde (1995) que Bastide "não tinha uma posição firme com relação a se havia ou não preconceito, se havia ou não democracia racial." E mais:

[...] ele muitas vezes tendia a pensar que certos comportamentos e alegações eram produtos da auto-defesa do negro, para se proteger das suas próprias deficiências. Outras vezes, ele pensava que os brancos de fato camuflavam a realidade, sem que, com isso, tivessem a intenção de excluir o negro de participação de certas esferas da vida. (FERNANDES, 1995).

O início do primeiro capítulo de Bastide citado acima é desconcertante. Parece que a expectativa do sociólogo era a de encontrar uma homogeneidade nas respostas das pessoas dos conjuntos que estava pesquisando. A "heterogeneidade" encontrada parece confundi-lo. Queria, ainda, descobrir preconceito apenas na base das respostas das pessoas entrevistadas (que, em muitos casos, eram apenas percepções). Em suma, o autor parece estar completamente envolvido num emaranhado de respostas simplesmente *diferentes*. Na verdade, as respostas não eram contraditórias, como ele as via, elas eram de diferentes pessoas que percebiam de forma distinta os problemas que lhes eram propostos. Esse procedimento revela apenas, na minha análise, uma questão de (falta de) experiência do professor Bastide para lidar com um tipo de material de pesquisa empírica com o qual ele não estava acostumado." Mas o papel de muitos dos métodos, das técnicas e dos instrumentos que *estavam disponíveis quando começaram a fazer a pesquisa*, conforme já mencionado – e que não utilizaram –, seria exatamente o de destrinçar o enredo das respostas, organizá-las em categorias distintas e oferecer ao analista um quadro bem mais fácil de entender e explicar para terceiros a realidade

¹¹ Exposta nestas palavras, fica bem claro que a limitação de Bastide que está sendo avaliada não se refere a outros tipos de estudos e pesquisas.

que estava sendo estudada. Esses problemas sentidos por Bastide, então, eram essencialmente de natureza metodológica.

Exemplos, ilustrações

A inexistência de uma amostra bem definida marcou toda a análise feita pelo sociólogo francês. Sistemática e persistentemente foi feita utilização apenas de relatos, transcrições do que os 'depoentes' disseram aos pesquisadores. Isso é feito a título de *ilustrações*, de *exemplos*, do que, no entender do autor, se podia encontrar naquela sociedade paulistana. Esse é um tipo de 'análise' bem conhecido (*e utilizado por muitos cientistas sociais ainda hoje no Brasil*): o pesquisador faz uma afirmação e procura dar-lhe credibilidade e validade com exemplos 'positivos', ou seja, que a comprovam. Na grande maioria dos casos utilizam um número pequeníssimo de exemplos. Muitas vezes apenas um. Nosso autor chegou a generalizações não à base de um determinado número de pessoas, que fosse considerado estatisticamente suficiente, nem pela análise estatística do relacionamento das variáveis envolvidas, mas sim fazendo a afirmação generalizadora desejada (na melhor hipótese através de exame visual sumário dos dados), 'ilustrando-a' em seguida com *exemplos especialmente escolhidos, não livres de vieses*. Há, assim, uma utilização muito grande de exemplos (de preconceito, de discriminação, etc., enfim, *daquilo que se supõe que ocorre ou existe*). Os exemplos dados, obviamente, são sempre de casos 'validadores' daquelas afirmações, sendo os casos delas 'negadores' deixados de lado:

[...] o paternalismo continuou numa sociedade capitalista fundada [...] na livre concorrência [...] subsiste, apesar de tudo, na nova estrutura social, porque é um meio de controle. *Uma das histórias biográficas que colhemos mostra essa vigilância sobre a ascensão do preto [...].* (BASTIDE, 1955c, p. 172, grifo meu).

É a 'prova' com apenas *um* caso.

E ainda: "O chefe do pessoal de *uma* loja, freqüentada sobretudo pela classe média, não pôde disfarçar a sua pena: 'Sinto muito ser obrigado a recusar moças diplomadas e inteligentes'." (BASTIDE, 1955b, p. 145, grifo meu.). Mais uma vez, um exemplo apenas. Essas 'ilustrações', esses

'exemplos, foram, esmagadoramente, manifestações verbais de negros em comparação com as de brancos. Ilustrações e exemplos de determinadas condutas escolhidos intencionalmente não podem servir como evidências para generalizações sobre a situação que está sendo estudada.

Estórias

Bastide fez ampla utilização, também, de pequenas estórias para ilustrar suas afirmações. Algumas aparentemente vêm dos dados coletados, outras não se sabe. *Mas ele as utiliza como evidências de afirmações que faz.* A aceitação indiscriminada dessas estórias, por parte do sociólogo francês, pode ser verificada com uma delas. Depois de contá-la (seu conteúdo não vem ao caso) nosso autor escreveu: *"Não sabemos se essa história é verdadeira. não podemos verificá-la. [...]* Porém, *autêntica ou não,* a história é significativa e reveladora de certas representações coletivas, de certas atitudes dos brancos para com os pretos." (BASTIDE, 1955b, p. 152, grifo meu). É impossível deixar de mencionar a gravidade dessa afirmação do sociólogo da USP. Parece não lhe importar a autenticidade ou não de seus dados ou informações. Ele lhes atribui 'significação' mesmo assim.

Generalizar com ilustrações, estórias e exemplos isolados é um grave problema. Quando se usa esse 'método', a escolha do que utilizar é resultado, não necessariamente consciente, da parcialidade do autor. Ou o toma parcial. O próprio Bastide parecia sentir o problema. Depois de ilustrar, com "[d]ois fragmentos de biografias" (1955b, p. 146), a conduta de brancos em recusar empregos a negros, ele faz a seguinte afirmação: "Sem dúvida em São Paulo tudo depende dos indivíduos e nós poderíamos, *para contrabalançar essas histórias de recusa, contar outras em que brancos impuseram amigos pretos, defenderam-nos e mantiveram-nos em excelentes empregos.*" (BASTIDE, 1955b, p. 146, grifo meu).

Esse é o mais forte questionamento que um autor pode levantar contra a validade de suas próprias 'análises'. Mas essas "outras" estórias a que ele se refere não foram contadas (nenhum autor que queira demonstrar ou 'provar' um argumento as conta; elas iriam de encontro ao que o autor queria demonstrar). Maio (1997) reproduz essa afirmação de Bastide, mas não a comenta. Porém ela é autodestrutiva, anulando qualquer conclusão que o autor afirme ter resultado de sua pesquisa. Como diz Elster:

o contar histórias pode ser pernicioso se for confundido com a coisa real. [...] Com algum engenho - e muitos estudiosos têm bastante - pode-se *sempre* contar uma história em que as coisas são colocadas de cabeça para baixo. Mas isso não prova que elas realmente sejam assim [...]. (ELSTER, 1994, p. 22-23, grifo do autor).

E também: "As explicações causais devem ser distinguidas do contar histórias. Uma explicação genuína dá conta do que aconteceu, como aconteceu. Contar uma história é dar conta do que aconteceu como poderia ter acontecido (e talvez tenha acontecido)." (ELSTER, 1994, p. 21).

Noutra oportunidade, após "contar" algumas "histórias", Bastide afirma: "Porém, *uma vez mais*, são fatos *demasiado raros* para que se insista neles. Se os citamos é porque descobrem [...] as atitudes disfarçadas do ressentimento do negro e do elemento subjetivo por trás do objetivo, do preconceito ou da seleção." (BASTIDE, 1955c, p. 186, grifo meu). Afirmar que está utilizando "fatos demasiado raros" é o reconhecimento, pelo próprio autor, da insuficiência dos dados de que dispunha para tirar conclusões válidas. Mas mesmo assim ele os utiliza e, apesar da ressalva que faz, é impossível deixar de mencionar que, assim procedendo, transmite ao leitor uma sugestão de generalização que a qualidade dos dados não justifica.

Associações entre variáveis

Associações entre variáveis foram vislumbradas por Bastide de forma muito rudimentar e o autor, quando as apresenta, não as expõe para uma verificação futura, em outra pesquisa, mais cuidadosa, mas o faz de forma contundente, apesar da frouxidão dos métodos e procedimentos utilizados.

"De um modo geral", escreveu, "é *inegável* que o mulato é mais aceito que o preto retinto, e as biografias que colhemos *provam* que os obstáculos diminuem à medida que a cor da pele clareia." (BASTIDE, 1955b, p. 140, grifo meu). Simplesmente asseverar que seus dados "provam", sem exibí-los, é intimar o leitor a aceitar, *sem a apresentação de evidências empíricas*, a existência da associação que o autor *supõe* existir.

Escreveu ainda Bastide que "[s]eria fácil *provar* que essa classe alta ou média de cor aceitou e adotou os preconceitos do branco contra os negros".

(1955b, p. 155, grifo meu). Note-se, aqui, a utilização do condicional: *seria* fácil provar. Segundo o próprio autor, portanto, ele *não* provou. É, mais uma vez, uma utilização do 'método da autoridade', chamando seus leitores a *acreditar* em, e aceitar, sem discussão, suas 'conclusões'.

O uso de biografias para estabelecer associação entre variáveis é **um** caso especial: “[É] certo que 'quanto mais o preto sobe, mais encontra barreiras'". Utilizando biografias, conclui o sociólogo da USP pela existência de uma associação entre duas variáveis - cor e "barreiras à ascensão social". Ele diz haver gradação de ascensão e de "encontro de barreiras". A *prova* (para utilizar o termo do próprio Bastide) da eventual associação entre variáveis requeria que a coleta de dados sobre essas variáveis houvesse sido específica e sistemática e que técnicas estatísticas tivessem sido aplicadas (medidas de associação, de correlação, etc.). Ora, ao descrever o instrumento "biografias", Bastide nos informou que as mesmas obedeceram "ao critério da mais absoluta liberdade, deixando-se o narrador evocar o seu passado e relatar as suas lembranças à vontade, *sem nenhuma interferência*." (BASTIDE, 1955a, p.12, grifo meu). Mas depois afirma: “É a conclusão que se depreende de *quase todas* as nossas biografias [...].” (1955b, p. 147, grifo meu).

É difícil ver como através de autobiografias se poderia concluir pela referida associação ou por qualquer outra. Diários, histórias de vida, biografias são (já o eram, na época da pesquisa da Unesco) bons instrumentos para determinados fins, mas não para estabelecimento de associações entre variáveis. Festinger e Katz, escrevendo sobre diários e histórias de vida (e o que escrevem com mais razão se aplica a autobiografias), afirmaram, em 1953, que seria muito difícil, com esses instrumentos, "investigar nomoteticamente um problema psicológico, i.e., ser capaz de desenvolver generalizações científicas" (FESTINGER; KATZ, 1953, p. 303). E Bastide fez exatamente isso. Não tabulou os dados do questionário (estes são, em princípio, para ser organizados e expostos em tabelas) e assim não teve, conseqüentemente, o cálculo de estatísticas (nem que fossem simples porcentagens), nem testes de significância, para poder ter (e os leitores também) um grau mínimo de confiabilidade nas mencionadas associações entre variáveis e nos resultados atingidos em geral.

8 Considerações finais

O trabalho realizado por Bastide (e Fernandes, diga-se de passagem) nas pesquisas da Unesco em São Paulo pode ser caracterizado por: (1) amostras intencionais – os principais conjuntos de pessoas estudados vieram, em grande parte, ou quase somente, de famílias tradicionais (sabidamente as mais preconceituosas para com os negros e mulatos) e estrangeiros brancos (idem); (2) análise dos dados de forma essencialmente 'visual', à base apenas de uma profusão de exemplos e estórias selecionados pelo autor, entre os de que dispunha, para comprovar algumas idéias preconcebidas que tinha, especialmente a existência de preconceito e discriminação racial ou de cor (e a não existência de democracia racial no Brasil); (3) em consequência, os resultados a que chegou o autor são, por todos esses motivos, enviesados na direção de uma situação que não correspondia à realidade da época. Com a forma como utilizou (ou *não* utilizou) os procedimentos metodológicos disponíveis, *a existência do preconceito e da discriminação de cor na cidade de São Paulo foi definitivamente maximizada.*

Em outras palavras, os capítulos sob a responsabilidade de Bastide no livro que resultou das pesquisas da Unesco em São Paulo não consubstanciaram de forma objetiva a existência do preconceito de cor. A crítica que faço ao trabalho desenvolvido pelo sociólogo francês nessas pesquisas é, está visto, um tanto desfavorável, para dizer o mínimo. Então, em face da grande e calorosa recepção - na comunidade científica das ciências sociais, de então e ainda de hoje – aos muitos artigos e livros que publicou em outros campos da sociologia, perscrutando outros temas, este analista se pergunta: como explicar essa discrepância de crítica em relação aos dois conjuntos de estudos e pesquisas do trabalho do sociólogo da USP? Essas diferenças de crítica refletem diferenças reais de qualidade nos respectivos conjuntos de trabalhos? Ou são mais resultado dos enfoques e dos diferentes graus de profundidade adotados nas críticas? Não considero fácil a explicação, mas vou tentá-la, adiantando logo que provavelmente ocorrem as duas possibilidades.

Creio ser importante iniciar com algumas menções às circunstâncias do envolvimento de Roger Bastide com as pesquisas da Unesco. Em primeiro lugar, o convite inicial da Unesco foi feito a outro profissional, o professor Donald Pierson, da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, o

qual, por motivos que foram explicitados, não aceitou. Convidado, o sociólogo francês fez uma exigência: a co-participação, na coordenação dos trabalhos, do também professor da USP, seu ex-aluno Florestan Fernandes.¹² João Baptista Borges Pereira descreve as circunstâncias em que isso ocorreu:

Bastide procurou [Florestan] em seu gabinete de trabalho [oo.] para convidá-lo a participar do projeto da UNESCO. [oo.] Florestan recusa o convite. Bastide insiste, argumentando que só aceitaria a solicitação de [Alfred] Métraux [Chefe do Setor de Relações Raciais do Departamento de Ciências Sociais da Unesco], para coordenar o projeto em São Paulo se o seu então assistente a ele se associasse, levando para o projeto a sua *experiência de pesquisador de campo que ele, Bastide, não possuía*. Florestan foi inflexível na recusa. Bastide sai silencioso de sua sala. Florestan, já arrependido [oo.] chama de volta Bastide para comunicar-lhe que mudara de opinião - aceitaria o convite. (BORGES PEREIRA, 1987, p. 152, grifo meu).

Depoimento de Florestan a Eliane Veras Soares, entre outubro de 1990 e abril de 1991, esclarece um pouco mais essa questão dos conhecimentos de Bastide para a realização de uma pesquisa sociológica. Relatou o ex-aluno sobre trabalho de campo que realizara para o professor:

Eu aproveitei o ensinamento dele e tive o prazer, um ano depois, de ir à (sic) Sorocaba fazer uma pesquisa para ele e *mudar, no campo. todas as instruções que ele deu*. Quando voltei, eu falei a ele que havia mudado. 'Mas como? Porque, (sic) você mudou?' *Aí eu fiz a crítica da orientação dele. E ele ficou espantado e disse: 'é, você fez bem'*. Aí ele foi dizer ao Fernando de Azevedo, que não era meu professor, que eu era um gênio, que eu era um talento nato de sociólogo. (SOARES, 2005, p. 233, grifo meu).

¹² O perfil de Florestan Fernandes, àquela altura, em termos de experiência com trabalho de campo, não era muito diferente do de seu professor Roger Bastide. Mas o espaço para este artigo não permite explorar também esse aspecto.

Essa questão da inabilidade de nosso autor em trabalho de campo pode ser vista em outro contexto. Roberto Motta, em 'Memória, rito Nagô e terreiros Bantos: Roger Bastide e alguns de seus predecessores no estudo do candomblé' (Bastide escrevendo, portanto, *sobre o próprio tipo de trabalho no qual se supõe que ele era versado*) afirma:

Na verdade, Bastide [...] foi, acima de tudo, um compilador e organizador. Seus trabalhos sobre as religiões afro-brasileiras são essencialmente baseados em dados secundários, isto é, nos trabalhos de seus predecessores, sobretudo brasileiros. [...] Bastide não chegava a ser o que se chama de um *pesquisador de campo*. Ele admite, em *O Candomblé da Bahia*, um total de nove meses de 'enquête personnelle', de investigação pessoal, no Brasil - cinco dos quais na Bahia - dispersos, esses nove meses, dentro de um período de sete anos (1958:14). Ainda por cima, tudo leva a crer que, na linguagem de Bastide, 'enquête personnelle' tivesse, em primeiro lugar, o sentido de contactos com outros estudiosos. residentes nos lugares que visitava [e não diretamente junto aos seus pesquisados]. (MOITA, 2005, p. 317-318, grifo do autor)."

Então, e mais ainda, considerando o tipo de trabalho que o Professor Bastide fizera e publicara até a época das pesquisas da Unesco, fica bem aparente a escassez de conhecimentos e de experiência da sua parte para realizar o trabalho de campo (que não seria pequeno nem simples) que a pesquisa da Unesco exigiria. Mas, obviamente, qualquer pesquisa é muito mais que trabalho de campo. A ele se seguiria a análise dos dados coletados. E como Bastide queria a todo custo a participação de Florestan na pesquisa da Unesco (mais do que isso: essa participação era, para ele, condição *sine*

¹³ Roberto Motta procura amenizar o que disse nessa citação sobre Bastide lembrando que Franz Boas tampouco foi grande pesquisador de campo: "não teria dedicado muito mais tempo do que Bastide ao trabalho de campo". (MOTTA, 2005, p. 318).

qua non para aceitação da proposta feita por aquela organização internacional), o sociólogo francês abriu mão do "trabalho nos dados", que ficaria aos cuidados de Florestan, deixando para si apenas a "colheita do material" (na qual, como vimos acima, tampouco era *expert*). O problema, portanto, referia-se também a outras etapas da pesquisa, mais especificamente ao tipo de análise dos dados que seriam coletados. As evidências parecem indicar que Bastide também não era portador de conhecimentos nessa área: toda a sua produção prévia não necessitava, pelo tipo de pesquisa que fazia, de tais conhecimentos (elaborar questionários e entrevistas, tabular dados dos questionários, calcular estatísticas, analisar sistematicamente os dados coletados nas entrevistas, etc.). No meu entendimento, nessas circunstâncias está a razão da diferença de 'qualidade' entre a produção de Bastide referente a religiões afro-brasileiras, religião em geral e os demais temas já apontados como constituindo um tipo seu de pesquisa e, por outro lado, a pesquisa levada a efeito, neste caso juntamente com Florestan Fernandes, sobre relações raciais na cidade de São Paulo.

Uma conclusão mais geral a tirar é que essas ocorrências documentam bem o estado do conhecimento predominante nas ciências sociais da USP por ocasião da pesquisa aqui analisada. De qualquer forma, com a aceitação do convite por parte de Florestan Fernandes, *os dois* compartilharam a coordenação das pesquisas da Unesco na cidade de São Paulo. Bastide não esteve sozinho no levantamento que foi realizado. Os capítulos que aparecem no livro publicado em 1955 são formalmente de sua responsabilidade, mas tudo tinha a participação também de Florestan Fernandes.

Apesar do que vimos neste artigo, um certo número de cientistas sociais atribui ao estudo de Roger Bastide e Florestan Fernandes um papel de alta relevância, já que teria sido o início de uma reviravolta no pensamento social a respeito do assunto, inclusive demonstrando a existência de preconceito e discriminação na sociedade brasileira. Mas preconceito e discriminação de brancos para com negros e mulatos era já um fenômeno enfocado há décadas. O estudo da Unesco na cidade de São Paulo *não* foi pioneiro nesse item, como se apregoa. Periódicos de defesa dos negros, nas décadas de 1920 e 1930, denunciaram amplamente a existência de preconceito e discriminação dos brancos para com os pretos e mulatos, e merecem um destaque especial, que não pode ser, por questão de espaço, apresentado aqui. George Reid Andrews documentou muito bem esse fato, e à exaustão, com material de

jornais de negros em São Paulo, no livro *Negros e brancos em São Paulo* (ANDREWS, 1998), ao qual remeto o leitor.

Adicionalmente, a intelectualidade brasileira e estrangeira já havia feito, também, muito antes das pesquisas da Unesco, suas referências ao preconceito contra as pessoas de cor no Brasil. Cito apenas três casos: Caio Prado Júnior já escrevera em 1937 que "existiu sempre um forte preconceito discriminador das raças" (1965, p. 272); Arthur Ramos (1938) já detectara a existência do "preconceito de cor" no Brasil; e Franklin Frazier registrara o mesmo um pouco depois (1942).¹⁴

Por tudo que foi dito aqui, a mencionada pesquisa foi definitivamente enviesada na direção do favorecimento da tese da existência de discriminação de cor na cidade de São Paulo nos idos de 1950. A tese deste artigo não é a de que ela não existia. Existia, como existe ainda hoje. E provavelmente existirá sempre, não só em São Paulo mas em toda a sociedade brasileira. Minha tese é apenas a de que a pesquisa da Unesco foi infeliz na comprovação dessa discriminação. Não resta dúvida, assim, de que o tema 'pesquisas da Unesco em São Paulo' merece, ainda hoje, um tratamento bem mais amplo do que os recebidos até agora, inclusive o que foi aqui tentado. E, é claro, que outras pesquisas sejam realizadas com uma bem maior e mais adequada utilização dos recursos metodológicos existentes à disposição dos pesquisadores de hoje.¹⁵

¹⁴ Na verdade, no capítulo 'A luta contra o preconceito de cor', que Florestan assinou no mesmo volume em que estão os de Roger Bastide, o autor trata exatamente de discriminações sofridas por pessoas negras e mulatas e dos movimentos que desencadeavam para superar tais discriminações. Isso era feito inclusive através da imprensa negra paulista, que o próprio Bastide também conhecia (BASTIDE, R. A imprensa negra do Estado de São Paulo. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, n. CXXI). Ou seja, as pessoas discriminadas tinham canais pelos quais faziam suas denúncias e exerciam sua luta. Elas estavam bem à frente dos estudiosos.

¹⁵ Ao concluir, quero chamar a atenção para o fato de que não tratei de todos os aspectos da obra de Bastide nas pesquisas da Unesco na década de 1950. As próprias técnicas e os métodos de pesquisa utilizados não foram aqui examinados exaustivamente. Adicionalmente, deixei fora (pela complexidade para ser tratado em apenas parte de um curto artigo) outros supostos resultados do trabalho de Bastide e Florestan: a "derrubada" da democracia racial no Brasil. Sobre este tema, cf Cruz, 2003. Para detalhes sobre minha visão do estado metodológico da sociologia feita no Brasil, cf Cruz, 1995.

Referências

ANDREWS, George Reid. 1998. *Negros e brancos em São Paulo: 1888-1988*. Bauru: Edusc.

BASTIDE, Roger. 1955a. Introdução. In: _____; FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo*. São Paulo: Anhembi. São Paulo: Anhembi. p. 11-15.

_____. 1955b. Manifestações do preconceito de cor. In: _____ FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo*. São Paulo: Anhembi.

_____. 1955c. Efeito do preconceito de cor. In: _____; FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo*. São Paulo: Anhembi.

_____; FERNANDES, Florestan. 1955. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo*. São Paulo: Anhembi.

BORGES PEREIRA, João Baptista. 1987. Raça e classe social no Brasil. In: D'INCAO, Maria Ângela (Org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: paz e Terra. p. 151-160.

BRAGA, Maria Lúcia de Santana. 2005. Roger Bastide: morte e ressurreição de um paradigma. In: MOITA, Roberto (Org.). *Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura*. Recife: Bagaço.

CANDIDO, Antonio. 1992. A faculdade no centenário da Abolição. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 34, p. 21-30, novo

Levy Cruz

CARTWRIGHT, Dorwin P. 1953. Analysis of qualitative material. In: FESTINGER, Leon; KATZ, Daniel. *Research methods in the behavioral sciences*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

CRUZ, Levy. 1995. Quem tem medo dos fatos? De Durkheim à pesquisa sociológica no Brasil. *Ciência e Trópico*, Recife, v. 23, n. 1, p. 27-70, jan.z jun,

_____. 2003. Democracia racial: uma hipótese. In: QUINTAS, Fátima (Org.). *Evocações e interpretações de Gilberto Freyre*. Recife: Massangana. p. 349-367.

DEMING, W. E. 1947. Some criteria for judging the quality of surveys. *Journal of Marketing*, v. 12, n. 2, p. 145-157, Oct.

DUDYCHA, G. J. 1943. A critical examination of the measurement of attitude toward war. *Journal of Social Psychology*, v. 18, p. 383-392, Nov.

EDWARDS, A. L.; KILPATRICK, F. P. 1948. A technique for construction of attitude scales. *Journal of Applied Psychology*, n. 32, p. 374-384.

ELSTER, Jon. 1994. *Peças e engrenagens das ciências sociais*. Rio de Janeiro: ReIume-Dumará.

FERNANDES, Florestan. 1955. A luta contra o preconceito de cor. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Anhembi. p. 193-226.

_____. 1987. O renascimento da universidade. In: D'INCAO, Maria Ângela (Org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Unesp. p. 309-317.

_____. 1995. Florestan ataca o consenso. *Folha de São Paulo*, São Paulo. Caderno MAIS!, p. 4-5. Entrevista concedida a José Luís Silva.

FESTINGER, Leon. 1953. Assumptions underlying the use of statistical techniques. In: JAHODA, Marie; DEUTSCH, Morton; COOK, Stuart W. *Research methods in social relations, with especial reference to prejudice*. New York: Dryden. v. 2, p. 713-726.

FESTINGER, Leon; KATZ, Daniel (Org.) 1953. *Research methods in the behavioral sciences*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

FRAZIER, E. Franklin. 1944. A comparison of Negro-white relations in Brazil and in the United States. *Transactions of the New York Academy of Sciences*, v. 2, n. 6, p. 251-269.

GOODE, William J.; HAIT, Paul K. 1952. *Methods in social research*. New York: McGraw-Hill.

GUETZKOW, H. 1950. Unitizing and categorizing problems in coding qualitative data. *Journal of Clinical Psychology*, v. 6, p. 47-58.

GUIMARÃES, ANTONIO SÉRGIO ALFREDO. 2004. Comunicação ao Colóquio Internacional "O projeto Unesco no Brasil: uma volta crítica ao campo 50 anos depois", Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, entre 12 e 14 de julho de 2004.

IANNI, Octavio. 1971. Estudo de comunidade e conhecimento científico. In: _____. *Sociologia da sociologia latino-americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 67-82. Publicado antes na *Revista de Antropologia*, v. 9, n. 112, 1961.

JAHODA, Marie; DEUTSCH, Morton; COOK, Stuart W. 1951. *Research methods in social relations: with especial reference to prejudice*. New York: Dryden. 2 v.

KENDALL, M. G; SMITH, B. B. 1939. *Tables of random sampling numbers*. Tracts for Computers no. XXIV. Londres: Cambridge University Press.

LIKERT, Robert. 1947. The sample interview survey; a fundamental research tool of the social sciences. In: DENNIS, W. *Current trends in psychology*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. p. 196-225.

MAIO, Marcos Choro 1997. *A história do Projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Pesquisas Sociais do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro..

_____.o 1999. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 41, out.

MOITA, Roberto. 2004. Raça, religião, aculturação e modernização: em tomo de um livro de Roger Bastide. In: ANDRADE, Maristela Oliveira de (Org.). *Roger Bastide e o Brasil*. João Pessoa: Manufatura. p. 9-22.

_____.o(Org.). 2005. *Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura*. Recife: Bagaço.

PINTNER, R.; FORLANO, G 1937. The influence of attitude upon scaling of attitude items. *Journal of Social Psychology*, v. 8, p. 39-45.

PRADO JR., Caio. 1965[1937]. *A Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo, Brasiliense.

SOARES, Eliane Veras. 2005. Roger Bastide e Florestan Fernandes: encontros e desencontros. In: MOITA, Roberto (Org). *Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura*. Recife: Bagaço.

THURSTONE, L. L. 1931. The measurement of social attitudes. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 26, p. 249-269.

THURSTONE, L. L.; CHAVE, E. 1. 1929. *The measurement of altitudes*. Chicago: Chicago Press.

TWINE, France Winddance. 1998. *Racism in a racial democracy: the maintenance of White supremacy in Brazil*. New Brunswick: Rutgers University Press.

WINANT, Howard. 1994. Repensar a raça no Brasil. *Sociedade e Estado*, v. 9, n. 1-2, p. 113-136.

_____. 2002. *Racial conditions: politics, theory, comparisons*. Minneapolis: University of Minnesota Press.